

# LIMITE, LITERATURA, LAGOSTA: A "CRÔNICA" DE DAVID FOSTER WALLACE

Patrícia Trindade Nakagome (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** *Analisaremos o texto "Pense na lagosta" (2004) do escritor estadunidense David Foster Wallace. Através de uma leitura focada na construção do leitor, mostraremos como, apesar de a crônica não ter tanta representatividade fora do país, é um gênero que pode, por seu caráter híbrido e flexível, dar conta de uma escrita marcada por simplicidade e complexidade. Com olhar atento para um aspecto pontual da realidade, o autor consegue revelar as sombras da contemporaneidade, indicando como os leitores se envolvem nela através de difíceis escolhas morais cotidianas, como sujeitar um ser vivo ao sofrimento apenas para a satisfação sofisticada do paladar.*

**Palavras-chave:** *David Foster Wallace; crônica; contemporaneidade; leitor.*

## Introdução

A primeira vez em que tive contato com um texto de David Foster Wallace foi através de um e-mail, algo muito parecido a esses virais que tanto circulam na Internet. A princípio, o texto parecia uma dessas narrativas típicas de auto-ajuda. No entanto, bastava passar pelos primeiros períodos para que essa impressão fosse desfeita pelo próprio texto: "mas se acham que pretendo me colocar na posição do peixe mais velho e mais sábio que explicará o que é água para vocês, os peixinhos, por favor, não temam. Não sou o peixe velho e sábio" (Wallace 2012: 263). Esse era um dos trechos de "Isto é água" ("Be water"), texto interessante e acessível, que me levou a uma investigação sobre David Foster Wallace, um nome então

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. E-mail: [patricia.nakagome@gmail.com](mailto:patricia.nakagome@gmail.com).

completamente desconhecido para mim. Nessa busca, encontrei outras traduções de "Be water", numa espécie de marco literário do suicídio do autor.

A respeito da difusão póstuma da obra de Wallace, comenta o escritor americano Jonathan Franzen em entrevista:

Me molestó que se tomase su muerte como la de Kurt Cobain. Todos hablaron de que era un ser humano dulce. Y de pronto su peor texto, un discurso hecho para sus alumnos en el Kenyon College se convirtió en algo que todos conocían [*Be water*]. No es un completo desastre, era profesor y se preocupaba por los estudiantes, pero no es el verdadero Dave, que era mucho más oscuro y menos simplista, siempre enfrentado con sus demonios.<sup>2</sup> (Franzen 2012)

Fiz esse breve relato pessoal acerca da minha aproximação com a obra do escritor estadunidense por acreditar que essa experiência seja representativa do complexo cenário da literatura na contemporaneidade. Se por tanto tempo discutiu-se a ideia da "morte do autor"<sup>3</sup>, torna-se, nos dias de hoje, ainda mais forte a possibilidade de culto aos autores, especialmente quando eles estão relacionados a aspectos autobiográficos trágicos, inclusive com a "morte do autor" concreta<sup>4</sup>. É nesse sentido que Franzen lamenta que David Foster Wallace (DFW)<sup>5</sup> seja tomado como uma espécie de Kurt Cobain da literatura, com a difusão de um texto que não corresponde à densidade de sua obra.

Apesar de "Be water" não representar uma síntese do trabalho de DFW, ele possivelmente levou a outros, assim como a mim, a conhecer suas obras "maiores", dentre as quais se destaca *Infinite Jest* (1996), considerada por muitos um marco de renovação na literatura norte-americana<sup>6</sup>.

É com o propósito de divulgar DFW no Brasil que foi lançado *Ficando longe do fato de estar meio que longe de tudo*, organizado por Daniel Galera. Ali estão textos originalmente publicados entre 1994 e 2009, dentre os quais se encontram aquele que

<sup>2</sup> "Fiquei incomodado que a morte dele fosse tomada como a de Kurt Cobain. Todos falaram que ele era um ser humano doce. E de repente, seu pior texto, um discurso feito para seus alunos em Kenyon College se tornou conhecido por todos [*Be Water*]. Não é um completo desastre, era professor e se preocupava com os estudantes, mas não é o verdadeiro Dave, que era muito mais obscuro e menos simplista, sempre enfrentando seus demônios." (Franzen 2012, tradução nossa)

<sup>3</sup> A esse respeito, pensamos, por certo, na obra de Barthes (1988), que, dentre outras, se insere em um contexto de busca por uma ciência do texto, com a consequente redução de tudo o que não fosse próprio da linguagem.

<sup>4</sup> Esse aspecto autobiográfico pode se tornar, inclusive, um ponto de referência para refletir sobre a obra de Wallace, tal como faz Carvalho (2010) ao analisar a relação entre suicídio e literatura a partir da óptica freudiana.

<sup>5</sup> A fim de evitar muitas repetições do nome do autor, optaremos, tal como é forte na crítica nos Estados Unidos, por utilizar as iniciais do seu nome. Sobre essa opção, afirma Atlas (2008): "let's call him simply DFW henceforth as a tribute to his own fondness for abbreviation".

<sup>6</sup> Apesar de muitas críticas elogiosas à obra de Wallace, a opinião sobre ela não é unânime. Basta lembrarmos o polêmico comentário de Harold Bloom, para quem *Infinite Jest* é "just awful" [simplesmente terrível]. Com acidez, afirma o crítico: "But Stephen King is Cervantes compared with David Foster Wallace." [Mas Stephen King é Cervantes se compararmos a David Foster Wallace] (In: Koski 2011)

d  nome ao livro, "Isto   água" e "Pense na lagosta", centro de nossa análise. No prefácio, estão indicadas duas questões fundamentais a respeito da recep o da obra de DFW, que motivaram a publica o do livro:

1) Como uma obra tão marcada pela dificuldade pode gerar tamanha empatia? e 2) Como convencer o leitor em geral, e em particular o brasileiro, a se aventurar nesse terreno com fama de íngreme em busca das propagandeadas recompensas? A resposta para as duas perguntas pode estar na outra grande vertente da escrita de David Foster Wallace: as reportagens, ensaios e demais textos de não fic o. (Galera 2012: 8)

Após a publica o de *Breves entrevistas com homens hediondos* no Brasil em 2005 com uma recep o "tímida" (Galera 2012: 8), fez-se em 2012 uma nova tentativa de difundir a obra de DFW no país. Para tal empreitada, a escolha do organizador centrou-se no que ele chama de "reportagens, ensaios e demais textos de não fic o". Essa coloca o indica dois aspectos interessantes para o propósito deste artigo: há, dentre os diversos textos de não fic o, a possibilidade de que eles sirvam como media o do público a outras obras de "maior dificuldade", o que parece justificar, por exemplo, a grande quantidade de pesquisas que abordam o uso do gênero crônica para fins escolares<sup>7</sup>; há, também, a indica o da complexidade de classificar os textos que comp em o livro dentro dos limites de algum g nero, em que, ao final, acaba-se recorrendo ao amplo espectro da "n o fic o", tal como foi feito em um jornal espanhol de grande circula o:

La palabra "ensayo" resulta inadecuada para describir el contenido de la mayoría de las piezas. [...] Sin embargo, los textos m s originales del volumen pertenecen a ese g nero sin nombre que está entre el periodismo y la literatura y que sólo puede definirse diciendo lo que no es: "No ficción"<sup>8</sup>. (Iba ez 2001)

O uso do termo "ensaio" para classificar "Consider the lobster" e outros textos de DFW se d  acompanhando a escolha feita na organiza o de um livro do autor nos Estados Unidos: *Consider the Lobster and Other Essays* (2005). O ensaio, essa forma essencialmente marcada pela felicidade e pelo jogo (Adorno 2003: 17), seria adequada a dar a DFW a liberdade de trabalhar com os temas mais variados. Mas não podemos esquecer que há um gênero capaz de dar conta de sua forma literária e seu meio de circula o jornalístico: a crônica. Mesmo que não seja reconhecido por *El País*, como marca de sua tradi o hisp nica<sup>9</sup>, a crônica   uma forma, como iremos mostrar, capaz

<sup>7</sup> Pensemos, a esse respeito, por exemplo, nos trabalhos de Andrade (2004), Coelho (2009) e Nakagome (2011).

<sup>8</sup> "A palavra 'ensaio'   inadequada para descrever o conteúdo da maioria das obras [...]. No entanto, os textos mais originais do volume pertencem a esse gênero sem nome que está entre o jornalismo e a literatura e que só pode ser definido segundo o que não  : 'não fic o'" (Iba ez 2001, tradu o nossa).

<sup>9</sup> A dificuldade de nomear o gênero que está entre o jornalismo e a literatura deve-se ao modo diferente como a crônica se inseriu em contextos diferentes do de língua portuguesa: "Foi esse sentido [o caráter de relato histórico] que prevaleceu até hoje nos vários idiomas europeus modernos, menos o

de melhor abarcar os múltiplos questionamentos ocultos na simplicidade que caracteriza o texto de DFW. Ao fazermos isso, não pretendemos forçar a obra de um autor *sui generis* (McCrum 2005) para dentro da categoria da crônica, mas sim mostrar como esse gênero, por sua grande flexibilidade, pode dar conta da complexidade do texto de DFW e explicar o modo como se dá a recepção de seu texto.

A crônica, esse gênero com forte enraizamento na cultura brasileira<sup>10</sup>, não possui difusão semelhante nos países de língua inglesa, justificando, assim, que uma tentativa de enquadramento dos textos de Wallace tenha resvalado em apenas um aspecto formal – sua não ficcionalização – que é apenas um traço dentre outros que os diferem de sua obra ficcional: a linguagem mais acessível, a circulação, o público, os temas tratados etc.

Neste momento, apenas limitamo-nos a introduzir a discussão sobre o gênero crônica, mas, ao longo deste artigo, analisaremos como essa questão ilumina a leitura de “Pense na lagosta”, especialmente a partir do modo como ele dialoga com esse leitor de jornal a quem, de repente, é oferecido um texto mais complexo e artístico que as reportagens habituais de uma revista de gastronomia. Nesse sentido, nossa análise detida sobre o texto foca o modo como o autor constrói a imagem do leitor, contrapondo-a, por meio de recursos argumentativos e literários, à lagosta, seu possível alvo de consumo.

De modo a destacar a circulação original de “Consider the lobster” como elemento de nossa análise, optamos por recorrer à crítica do texto veiculada em jornais, pois consideramos que assim estaríamos mais próximos de apreender uma dinâmica singular que se estabelece com o leitor de periódico, elemento central em nossa discussão. Isso não significa que neguemos a fixação do texto em livro, o que reforça seu aspecto literário, mas sim que reconhecemos e dialogamos com o fato de que, originalmente, mesmo seu meio de publicação lhe garantia um caráter mais “ao rés do chão”.

Nossa análise, portanto, está pautada na recepção jornalística da obra de DFW e na possível inserção do seu texto em um gênero profundamente brasileiro, para o qual, por consequência, faz-se necessário recorrer à discussão de críticos nacionais, que, de modo geral, enfatizam a relação dialética entre literatura e jornalismo que se estabelece na crônica. Aliado a isso, para estabelecermos as necessárias relações do gênero com seu tempo, trazemos também algumas considerações sociológicas e filosóficas da contemporaneidade.

Antes de iniciarmos nossa análise propriamente dita, convém indicar algumas considerações sobre o título deste artigo, que indica o caminho de nossa reflexão: *Limite, literatura e lagosta* dialoga com “Faróis, risadas e lagostas”, tema do Festival da Lagosta do Maine (FLM) que DFW foi cobrir como jornalista. Mantivemos a lagosta no título, marcada no singular, porque é de forma detida, atenta à singularidade da dor, não à massa do sabor, que o autor realizou sua profunda reflexão. Isso se materializa no texto com uma noção mais sombria e moral em torno do “limite” do

---

português. Em inglês, francês, espanhol italiano, a palavra só tem esse sentido: crônica é um gênero histórico.” (Coutinho 2003: 121)

<sup>10</sup> Cf, por exemplo, Candido (1992) e Coutinho (2003). Esse aspecto será tratado de forma mais detida adiante em nosso artigo.

humano, que, para satisfazer seus gostos, desvia das luzes saídas dos "faróis". Esse cenário complexo não pode ser aprendido nas ruidosas "risadas", mas sim no silêncio da "literatura". Como mostraremos, esses aspectos estão presentes em um texto que, com forte interlocução com seu leitor, revela uma tentativa angustiada e insistente de "compreender e articular alguns dos questionamentos perturbadores que vêm à tona em meio às risadas, à animação e ao orgulho comunitário do Festival da Lagosta do Maine." (Wallace 2012: 260)

Como característica do gênero crônica, o texto de DFW não se configura como uma reflexão limitada ao festival da lagosta, mas sim, de modo mais amplo, indica as sombras de nosso tempo, quando, como afirma Mishra (2006), lança um desafio inquietante sobre nosso modo de vida.

### 1. A lagosta dentre as lagostas

O início de "Pense na lagosta" é de uma típica reportagem, com a descrição detalhada do Festival da Lagosta do Maine. A forma como essa descrição é apresentada, no entanto, já desconstrói a aparente simplicidade do texto. O termo "lagosta" é repetido à exaustão, algo que talvez não seja inicialmente percebido, parecendo uma necessidade linguística por causa do tema do artigo: "Também são oferecidos sanduíches de lagosta, folhados de lagosta, lagosta salteada, salada de lagosta Down East, sopa creme de lagosta, ravióli de lagosta e bolinhos fritos de lagosta" (Wallace 2012: 237)<sup>11</sup>; ou pouco mais adiante: "Há camisetas de lagostas, bonecos articulados de lagostas, lagostas infláveis para piscinas e chapéus acopláveis de lagosta com enormes garras escarlates que chacoalham em molas." (Wallace 2012: 237-8). A opção pela repetição de "lagosta", ainda neste momento, parece levar o leitor a sentir-se "envolvido" pelo crustáceo fetichizado, que compõe uma espécie de cenário mal desenhado.

No desenvolvimento da crônica, o cenário transforma-se em personagem. O primeiro passo para isso é uma caracterização da lagosta. Num movimento de detalhamento, que marca não apenas esse texto, mas o método desse "strange guy"<sup>12</sup> DFW, apresentam-se muitos aspectos da constituição física do crustáceo e do modo como ele foi consumido ao longo da história, deixando de ser "alimento de classe baixa" para tornar-se "chique, uma iguaria, poucos graus abaixo do caviar" (Wallace 2012: 240). A caracterização detalhada da lagosta se mostra necessária porque: "Para fins práticos, todo mundo sabe o que é uma lagosta. Como de costume, todavia, existe muito mais para saber do que a maioria de nós se importa em descobrir – é tudo uma questão de interesses pessoais". (Wallace 2012: 238)

<sup>11</sup> Optamos por basear o texto na versão em português, por considerarmos que isso não traria prejuízos à análise e facilitaria a formatação do artigo. No momento em que for necessário cotejo com o original, faremos a indicação em nota.

<sup>12</sup> Atlas (2008), para explicar por que se refere a David Foster Wallace como um "strange guy", cita a sua obsessão pela pesquisa aprofundada, como quando deixou de fazer uma reportagem para investigar os problemas emocionais de seus cachorros ou o quanto sofreu na infância devido ao seu apego por detalhes das regras gramaticais do inglês.

Comer é o fim prático da lagosta. Através da descrição do crustáceo, o autor rompe a superfície do conhecido, levando o leitor pelo caminho que ele próprio fez para refletir sobre a experiência de estar no FLM. Como pretendemos mostrar ao longo de nosso artigo, o consumo da lagosta, que está revestida de um “apelo contemporâneo” por ser o “alimento mais fresco que existe” (Wallace 2012: 245), revela, precisamente, as contradições de nosso tempo, daquilo que se esconde nas sombras. É nesse sentido que uma apresentação singularizada da lagosta, como mostraremos a seguir, revela a parte sombria do FLM, aquilo que não é atingido pelos “faróis” propostos em seu tema. Seguindo o pensamento de Agamben, podemos ver o quanto DFW, através de sua mirada sobre as lagostas, é capaz de ver as contradições do contemporâneo, exatamente por conseguir se distanciar de seu tempo para olhá-lo melhor, afinal “contemporâneo é quem sabe ver essa sombra, quem está em condições de escrever umedecendo a pena nas trevas do presente.” (Agamben 2009: 41).

Os interesses pessoais dos leitores podem ser diferentes daqueles manifestados pelos comensais que se preocupam, conforme descrição de DFW, principalmente em enfrentar uma grande fila e comprar os pequenos potes de lagosta. Dar continuidade à leitura do texto é, portanto, uma maneira de demonstrar o “interesse pessoal” em ultrapassar a casca da lagosta, não para comê-la, mas para questionar sua própria existência. Isso ocorre porque o autor apresenta, em limitado espaço, uma densa pesquisa que abrange desde a Biologia à Filosofia, buscando dar voz às diferentes opiniões envolvidas na questão. O uso desse amplo material faz parte de uma trajetória que conduziu o autor a um questionamento moral acerca da sua observação na FLM:

Porém, como a pauta definida para este artigo é descrever como foi participar do FLM de 2003, e *por conta disso* passar vários dias em meio a uma grande massa de americanos comendo lagostas, e *por conta disso* ser mais ou menos impelido a pensar a fundo sobre lagostas e sobre a experiência de comprar e comer lagostas, calha que não existe uma maneira honesta de evitar certas questões morais. (Wallace 2012: 251, grifos nossos)

A expressão em destaque <sup>13</sup> marca, textualmente, o processo de aprofundamento gradativo no texto, indicando que a tarefa aparentemente simples de descrever a participação em um evento conduziu o autor, por uma natural sequência causal, à questão moral sobre o direito do homem a sujeitar outros seres vivos a um ritual de tortura.

Num movimento que vai da feira à lagosta passando pelos homens, o texto parece marcado por uma necessidade de entender a dor singular em meio ao prazer

<sup>13</sup> Apresentamos, neste caso, a versão original em inglês para evidenciar como ali também se dá a repetição indicada na tradução, conforme grifos na citação: “Since, however, the assigned subject of this article is what it was like to attend the 2003 MLF, and thus to spend several days in the midst of a great mass of Americans all eating lobster, and thus to be more or less impelled to think hard about lobster and the experience of buying and eating lobster, it turns out that there is no honest way to avoid certain moral questions.” (Wallace 2004: 5, grifos nossos)

da multidão. Na perspectiva do autor, há uma violência que incide sobre homens e lagostas de igual maneira: pelo convívio apilhado com outros seres da mesma espécie.

Os homens enfrentam uma "fila constante digna da Disneylândia" (Wallace 2012: 241) para ter acesso a um lugar que, segundo a descrição feita, é a própria imagem do inferno na contemporaneidade:

[...] amigos e desconhecidos sentam-se coladinhos, quebrando mastigando e babando. É um lugar quente, onde o teto descaído aprisiona o vapor e os odores, sendo que estes últimos são fortes e apenas parcialmente relacionados a alimentos. É também um lugar barulhento, e uma porcentagem considerável do ruído total é mastigatória. (Wallace 2012: 241)

A descrição da Tenda de Alimentação Principal prossegue com a acumulação de detalhes marcados pelo absurdo: do consumo exacerbado de materiais descartáveis, reduzindo a qualidade dos alimentos, à atitude das pessoas desesperadas para conseguir um espaço físico em meio a tantas outras sufocadas pelo calor e barulho. Essa descrição elaborada de dentro de um quadro típico do entretenimento contemporâneo pode produzir, ao final de sua leitura, o riso. Riso causado pela força da descrição do absurdo<sup>14</sup>, de reconhecimento do leitor de como é sua vida diária.

O estranho entretenimento não pode ser compreendido por um autor que demonstra, numa longa nota de rodapé, sua aversão ao turismo, atividade que eliminaria sua "fantasia" de ser "um indivíduo genuíno" (Wallace 2012: 243), fazendo-o, pelo contrário, tornar-se "um puro americano contemporâneo." É a partir desse ponto de vista que ele se volta às lagostas, reconhecendo, de forma angustiada, o aprisionamento coletivo em que estão:

Por serem bastante solitárias no oceano, as lagostas também claramente desgostam do amontoamento que é parte indissociável do seu cativeiro em aquários, pois (como também já foi mencionado) um dos motivos pelos quais se amarram as garras das lagostas assim que elas são capturadas é evitar que elas ataquem umas às outras por conta do estresse do armazenamento em espaços exíguos. (Wallace 2012: 259)

Há aqui, como no outro caso, uma descrição marcada pelo absurdo e pela dor. No entanto, enquanto no amontoado de pessoas, prazer e sofrimento se voltam para o mesmo ser, aqui, no caso das lagostas, elas apenas sofrem, de modo a garantir ao outro, aquele que tortura e aprisiona, o prazer. Aqui, não há a possibilidade do riso, apenas de piedade: as lagostas não escolheram aquela situação e, por sua natureza

<sup>14</sup> Não há aqui um riso fácil, uma construção para levar ao entretenimento do leitor. É algo semelhante ao que o próprio autor, em outro texto, indica em relação à graça na obra de Kafka: "Para mim, uma frustração marcante de tentar ler Kafka com universitários é ser quase impossível fazer com que percebam que Kafka é engraçado. Ou entendam como a graça está indissociavelmente ligada à força de seus contos." (Wallace 2012: 229-230)

(como bem pontua o autor), elas estão numa situação oposta à sua condição de normalidade.

Na descrição do amontoamento das lagostas, não é possível sentir o calor e o odor que marcam o grupo de homens. No caso delas, há uma dor fria, gelada. Ela não poderia ser percebida pela descrição objetiva do que é visto, pois isso não diferiria dos tantos aquários em bons restaurantes que guardam o alimento vivo, fresco, para a valorizada refeição. Buscando retirar o leitor da sua naturalidade, do encantamento pelo consumo, o autor mostra o sofrimento da lagosta a partir de elementos que caracterizam o modo como elas interagem no mundo: pela solidão.

Enquanto a normalidade do americano médio é marcada pelo curioso prazer da aglomeração, as lagostas vivem solitariamente, no escuro. Ainda que não seja possível ter acesso ao que elas sentem, como o autor demonstra ao longo de suas diversas incursões científicas sobre o tema, há a afirmação de que elas "claramente desgostam" de sua situação. Para indicar o quanto isso é verdade, DFW recorre a algo que não ocorre em seu texto: a repetição de argumentos. Sem o receio de ser repetitivo, ele marca "(como também já foi mencionado)" e reforça a crueldade com que os crustáceos são tratados mesmo antes de sua morte, o ponto crucial de sua argumentação.

Obrigado pela tarefa do jornal a fazer parte da massa por alguns dias, o autor se reconhece em meio a duas grandes massas: a dos homens e a das lagostas. Diante delas, há um esforço por compreensão que, no entanto, redundando em pena, especialmente em relação às lagostas por elas não terem possibilidade de escolha. Entre homens e lagostas, DFW, com sua aversão à massa<sup>15</sup>, coloca-se ao lado dos crustáceos. No texto, sua adesão à lagosta é construída literariamente pela transformação dos crustáceos (no plural) em um ser singularizado. Em oposição à grande quantidade de lagostas na maior panela do mundo, à diversidade de objetos que as fetichizam, e aos seres vivos que se amontoam nos grandes aquários, o texto mostra, desde o título, o pedido/exortação para que se "pense na lagosta" como ser singular.

Como dissemos anteriormente, os crustáceos deixam de ser um cenário sobrecarregado para se tornarem personagens tratados na singularidade de sua morte. Para isso, o crustáceo detalhadamente descrito é, inicialmente, comparado aos mamíferos, o que leva o autor a questionar se o fato de o primeiro ser mais rudimentar levaria a uma menor necessidade de refletir sobre ele: "Por que uma forma primitiva e inarticulada de sofrimento seria menos urgente ou desconfortável para a pessoa que está colaborando com ela ao pagar pelo alimento resultante desse sofrimento?" (Wallace 2012: 260). Num segundo momento, o alvo de DFW se volta para aquele que, por seu desejo, é responsável pelo sofrimento: os que consomem a lagosta no FLM, os leitores de seu texto, os homens de modo geral.

Com a ironia, DFW conclui que é sobre o homem, em sua escolha individual, que recai o destino da lagosta: "em termos práticos, seja na cozinha ou no restaurante, tudo ainda parece estar reduzido à consciência individual, a uma decisão tomada com (sem trocadilhos) as entranhas" (Wallace 2012: 259). O que resta

<sup>15</sup> Isso fica mais evidente em relação ao turismo, tal como aparece no caso da citada nota de rodapé no texto ou mesmo em outro artigo de DFW focado no assunto: "Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer." (2012: 103-228)

é o homem, com seu poder de escolha. Há, portanto, aqui a materialização do mais profundo impasse da modernidade: por estarmos afastados do outro, podemos condená-lo à morte sem maiores reflexões sobre esse ato?<sup>16</sup>

Numa tentativa de elaborar uma resposta à questão acima, DFW, como dissemos, se posiciona junto às lagostas, por elas serem mais próximas à sua natureza solitária e avessa à massa. Ele se vale de uma experiência comum a muitos, a de estar diante de um aquário com os “alimentos” frescos, para mostrar a perversidade cotidiana que está ali: “Quase todo mundo já esteve em supermercados ou restaurantes que contam com aquários de lagostas vivas, onde podemos escolher o jantar enquanto ele encara nosso dedo estendido” (Wallace 2012: 246). “Pense na lagosta” é construído por um ponto de vista que está dentro do aquário, dando a palavra a seres que não gritam contra a força de um dedo estendido.

Com ampla diversidade de argumentos, nunca tomados de forma panfletária, mas sim com muita ponderação, o texto de DFW aponta o dedo para o leitor, não o culpando de princípio, mas exigindo que reflita, que considere outro ponto de vista<sup>17</sup>. Como mostraremos a seguir, a própria forma do texto, nessa crônica longa e bem articulada, reforça essa necessidade de reflexão por parte do leitor.

“Pense na lagosta” se configura, literariamente, como uma forma de o autor libertar as lagostas do cativeiro de que elas não puderam fugir com vida. E, como veremos a seguir, lança ao leitor a tarefa prática de realizar uma reflexão ética que, talvez, produza essa libertação também real desse sofrimento, dos pratos vazios.

## 2. O jornalismo gourmet

Como já indicamos, “Pense na lagosta” foi publicado, originalmente, na revista *Gourmet* (2004), sendo, um ano depois, reunida em livro com outros textos do autor sob o título *Consider the Lobster and Other Essays*. No Brasil, a tradução do texto saiu apenas sete anos depois, no livro *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. Fizemos essa recapitulação da trajetória do texto aqui analisado porque isso influencia diretamente o modo como o texto se estabelece em termos de gênero literário e qual o horizonte de expectativa que ele cria a partir disso. Neste tópico,

<sup>16</sup> Ao tratar da questão da possibilidade de fazer sofrer aqueles que estão distanciados de nossa ação, não podemos esquecer da perversidade que caracterizou o Holocausto. A esse respeito, é interessante observar que autores como Bauman (1998b) e Arendt (1999) mostram o quanto a execução de milhares de judeus deveu-se precisamente a uma lógica profundamente moderna: a da burocracia e do cumprimento de ordens. A escolha individual, no seio da modernidade, mostra-se mais problemática quando ocorre o distanciamento entre sujeito e “objeto” da ação.

<sup>17</sup> Segundo Atlas (2008), é nesse modo de se relacionar com o leitor que DFW encontra sua efetividade: “It is difficult to point out America's assorted woes without being too accusatory, and nobody wants to read a guilt-trip about why political apathy is Bad and why eating animals (in this case, lobsters) is Cruel. Furthermore, it is not only worn to discuss The Problem with Modernity—as, broadly speaking, DFW does—but it's also worn to call attention to the wornness (a surprisingly common defense mechanism among cultural essayists). What makes *Consider the Lobster* so effective is that DFW seems to grasp this predicament intuitively without going through the ungainly motions of expressing it.”

para além da genérica denominação “não ficção”, podemos ler “Pense na lagosta” como reportagem, ensaio e crônica.

Coutinho concebe uma divisão dos gêneros literários em dois grupos: “aqueles em que os autores usam um método direto para se dirigir ao leitor, e aqueles em que os autores o fazem indiretamente, usando artifícios intermediários” (Coutinho 2003: 117). O primeiro grupo, que abarcaria o ensaio, a crônica, as memórias etc é chamado de “ensaístico”, o qual é marcado, portanto, por uma relação direta entre autor e leitor. A fim de discutir como o texto de DFW joga com os limites do gênero, o que explica as diferentes denominações que ele pode receber, analisaremos, neste tópico, precisamente o modo como se constrói a relação entre autor e leitor.

O texto de DFW termina com uma série de questionamentos aos leitores da revista *Gourmet*, articuladas, precisamente, em torno do conceito *gourmet*:

Afinal de contas, ser muito consciente, atencioso e cuidadoso a respeito do que se come e de todo o contexto englobante não é parte do que distingue um verdadeiro *gourmet*? Ou toda a atenção e a sensibilidade extraordinárias do *gourmet* devem se limitar ao sensorial? Tudo poderia realmente ser resumido a uma questão de sabor e apresentação? (Wallace 2012: 261)

O autor escolhe o elemento comum a todos os leitores da revista para mostrar a incoerência de suas ações. Colocadas ao final do texto, após uma série de argumentos que questionam o fato de as lagostas sofrerem, sim, para servirem de alimento sofisticado, cria-se uma situação de encurralamento. O leitor, que acompanhou a linha de pensamento coerente, sente-se, ele próprio, alvo do dedo que mira para seu rosto iluminado a partir da escuridão do aquário. Há aqui, como vimos antes, o reforço do olhar na penumbra, que Agamben (2009) caracteriza como o único verdadeiramente possível na contemporaneidade.

O autor afirma que suas perguntas não buscam “importunar”, sendo antes movidas por uma curiosidade “genuína”, mas reconhece, arrematando seu texto, o limite de suas questões: “Existem limites para o que mesmo pessoas interessadas podem perguntar umas às outras” (Wallace 2012: 262). As perguntas já estão colocadas, mesmo que as respostas não sejam dadas. Com delicadeza, ele força o limite de uma revista de gastronomia, tal como já havia feito em outros momentos no texto.

Sabendo-se dentro de um veículo comercial, DFW cria artimanhas para expandir os limites de seu texto, especialmente através das notas de rodapé que são tão marcantes em sua obra<sup>18</sup>. Ao introduzir sua reflexão sobre o turismo com a seguinte introdução: “Mas como é quase certo que esta nota de rodapé não vai sobreviver ao editor da revista, aqui vai” (Wallace 2012: 243), Wallace lança ao editor a escolha da censura, quase o impelindo a ser “indulgente”<sup>19</sup>. Com esse recurso, o

<sup>18</sup> Lembremos que em *Infinite Jest* (2006), quase 10% da obra é feita apenas por notas de rodapé. Atlas (2008) e McCrum (2005) apontam as notas de rodapé como um traço distintivo da escrita de DFW.

<sup>19</sup> A esse respeito, vejamos o comentário de Mishra (2006), que, ao falar dos editores indulgentes de DFW, revela as intenções do autor de atingir o leitor mais profundamente por meio da expansão dos limites de um artigo de revista: “But so vast is Wallace's intellectual energy and ambition that he

texto é estruturado de modo a permitir um maior aprofundamento ao autor e maior liberdade ao leitor, que não perde o fluxo da reportagem caso decida negligenciar as letras miúdas das notas.

O direcionamento focado aos leitores da revista se dá apenas no final de "Pense na lagosta", quando o texto se insere no contexto específico de sua circulação original. Usando a limitação que envolve o conceito de gourmet, relacionado a algo exclusivo e sofisticado, há, pela primeira vez, o momento em que DFW se coloca, de fato, como o outro do leitor, já que, no restante do texto, ele sempre esteve ao seu lado, de modo a reconhecer para si os mesmos erros e limitações do leitor.

Em uma de suas notas, o autor explica sobre a "debicagem", dando detalhes talvez desnecessários àqueles que conhecem esse dolorido processo a que estão sujeitas as aves confinadas em espaços pequenos. Para justificar sua nota explicativa, ele se coloca na condição de quem não conhecia isso, considerando que esse possa ser o mesmo caso de muitos leitores da *Gourmet*:

Não sei se a maioria dos leitores de *Gourmet* conhece a "debicagem" ou as práticas relacionadas, como a extração dos chifres do gado em fazendas industriais, o corte da cauda dos porcos em fazendas de confinamento de suínos para impedir vizinhos psicoticamente entediados de arrancá-las com os dentes e assim por diante. Calhou que este correspondente não sabia quase nada a respeito das operações padrão da indústria da carne antes de começar a trabalhar neste artigo. (Wallace 2012: 246)

O autor teme passar um conhecimento muito comum aos leitores de uma revista sobre comida e, portanto, sobre animais. No entanto, é por saber que não há uma relação tão direta entre o prato que chega à mesa dos leitores e seu processo de produção, que DFW decide oferecer uma explicação detalhada, não apenas técnica, sobre "debicagem". Ainda que colocando essa informação em mais uma de suas notas de rodapé, é oferecida ao leitor a possibilidade de que ambos sigam no texto com um conhecimento partilhado.

O conhecimento sobre o dolorido processo que afeta animais "menos rudimentares" que a lagosta não garante que os leitores da revista *Gourmet* concordem com a angústia moral sentida pelo autor quanto ao consumo do crustáceo. Mais que o conhecimento, está em jogo a interpretação. Tentando acompanhar a interpretação daqueles que, mesmo conhecedores da forma de armazenamento e cozimento das lagostas, consideram que tal processo possa não ser dolorido, DFW se vale, como em outras partes de seu texto, da aproximação entre "eu e você".

O autor coloca a possibilidade de que a lagosta se assemelhe a quem sofreu uma lobotomia frontal, de modo que experimente "a dor de uma maneira totalmente diferente de você e eu" (Wallace 2012: 257). Não saber o que se passa com o outro,

---

always wants to do more than what anyone else can reasonably achieve in a magazine article — and he has some enviably indulgent editors. He wishes, as much in his nonfiction as in his fiction, 'to antagonize,' as he said in an interview in 1993, 'the reader's sense that what she's experiencing as she reads is meditated through a human consciousness.'"

especialmente com uma lagosta que não grita, pode ser comum a autor e leitor. Mais comum ainda é o desejo de evitar questões complicadas, que colocam em xeque a possibilidade de o homem fazer outro ser vivo sofrer apenas para seu consumo.

Além de mostrar como autor e leitor são semelhantes no desconhecimento, nas dúvidas e na dificuldade de escolhas éticas, ele traz também outro elemento para essa relação de proximidade entre leitor e autor: a própria lagosta. Se é possível pensar que a lagosta, tal como aquele que sofreu uma lobotomia, experimenta a dor de forma diferente da do leitor e do autor, este, numa guinada literária, mostra que isso não é verdade, embora se deseje pensar dessa forma:

Quando é despejada do recipiente para dentro do tacho fumegante, às vezes a lagosta tenta se segurar nas bordas do recipiente ou até mesmo engancha as garras na beira do tacho *como uma pessoa* dependurada de um telhado, tentando não cair. Pior ainda é quando a lagosta fica imersa por completo. Mesmo que o sujeito tampe o tacho e saia de perto, normalmente é possível ouvir a tampa chacoalhando e rangendo enquanto a lagosta tenta empurrá-la. Ou escutar as garras da criatura raspando o interior do tacho enquanto se debate. Em outras palavras, a lagosta apresenta um comportamento muito parecido com o que *eu ou você* apresentaríamos se fôssemos atirados em água fervente (com a óbvia exceção dos gritos). (Wallace 2012: 253)

A descrição é incômoda. Temos, diante do texto, quase a mesma sensação daquele que abandona a panela para esperar o cozimento em outro ambiente. A vontade de saltar esse trecho se deve à força literária com que ele se impõe em meio a um texto marcado pela aparente neutralidade, pela ponderação nos argumentos.

O autor não apenas descreve a lagosta dentro de uma panela como se ela fosse uma pessoa em agonia, mas como se fosse uma pessoa como o próprio autor e leitor. O outro, como pessoa desconhecida, pode ser ignorado em sua dor, mas quando o outro é a representação de si mesmo, tal negação é dificultada. Enquanto antes a lagosta estava colocada em um possível pólo de oposição ao nós (autor e leitores), há, aqui, um sofrimento irmanado ao nosso, unindo o crustáceo e os homens pela condição de seres vivos.

A questão central que se delinea se dá em torno da "escolha": homens e lagostas podem se parecer em muitos aspectos que não podemos alcançar (dor, medo etc), mas se diferem quanto à possibilidade de escolha. O que sabemos é apenas que os homens escolhem o risco de infringir dor a outro ser vivo apenas para sua satisfação. E o autor, por sua vez, manifesta sua escolha de pensar na lagosta, escrevendo um texto que convida a todos a fazer o mesmo.

Desse modo, através da forma como o autor se dirige ao leitor, esperamos ter apontado o quanto em um texto que, como todas as crônicas, é "um relato ou comentário de fatos corriqueiros do dia-a-dia", como define Arrigucci Jr. (2001: 52), pode-se tocar questões profundas. Através do olhar atento à lagosta, o autor

investiga os limites da escolha humana, aquela que é, possivelmente, a questão moral definidora e angustiada de nosso tempo.<sup>20</sup>

Como tipicamente ocorre com a crônica, ao sair de seu contexto de circulação original, o dedo que está dentro do aquário aponta também para nós, para nossas cozinhas, em solo brasileiro. Aqui, uma reportagem com fortes traços literários, especialmente na caracterização da lagosta, torna-se crônica, moldando nosso olhar. E, se a questão central do texto é o leitor e sua escolha, não parece difícil dizer que é precisamente a recepção o que pende a balança para uma tentativa de definição do gênero, fugindo dessa nebulosa zona conceitual da "não ficção".

A preocupação em inserir o texto de DFW em um gênero deve-se menos à necessidade de precisão conceitual indicada por Coutinho (2003) e mais à importância de revelar como essa forma abarca um texto que é ao mesmo tempo complexo e simples, direto e tortuoso. Afinal, a crônica mostra como nos detalhes do cotidiano<sup>21</sup> estão reveladas as maiores contradições de um tempo e de uma sociedade, que não se limitam às de seu contexto de produção original.

A crônica, nos termos do texto de Wallace, poderia ser pensada como a marca do gourmet dentro do jornalismo, colocando ali um cuidadoso trabalho com a linguagem. Desse modo, a crítica feita à contradição entre a sofisticação e a moral que atinge os leitores da revista se dirige também a nós de forma mais ampla: como nós, leitores de literatura, do que há de mais gourmet na produção escrita, nos posicionamos diante de nossas escolhas? Enxergamos como cada pequeno gesto, cada comida, revela a totalidade de nosso ser? Somos tão requintados para nossa vida como somos para nos dedicarmos à leitura de um texto de David Foster Wallace?

As perguntas são lançadas a nós por uma voz silenciosa que se coloca no isolamento de um aquário escuro.

### Considerações finais: a lagosta e o leitor nas sombras de nosso tempo

No início deste artigo, lembramos como o título escolhido para ele dialogava com o tema do evento acompanhado por DFW para a redação de sua reportagem: "Faróis, Risadas e Lagostas".

Enquanto a lagosta foi apresentada como um ser singular, o leitor foi tratado de modo amplo, extrapolando, em muito, os limites impostos pela circulação original da revista *Gourmet*. Nesse movimento duplo de singularidade e amplitude, o texto de DFW joga com o próprio limite do gênero crônica: ele se detém ao detalhe, a um público específico, mas vale-se precisamente disso para revelar as contradições de nosso tempo e os dilemas morais que afligem os homens. Como gênero "que não tem a pretensão de durar", como afirma Candido (1992: 14), ele consegue melhor abarcar

<sup>20</sup> Lembramos aqui de Bauman (1998a), que revela que o mal-estar característico da Pós-Modernidade deve-se à troca da segurança pela liberdade, que nos impõe a responsabilidade sobre complexas escolhas.

<sup>21</sup> A esse respeito, afirma Candido: "Em vez de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas." (1992: 14)

o efêmero, a busca pelo que é novo e fresco, característica da ansiedade de nosso tempo.

Contrariando a luz dos Faróis que caracterizam o FLM, o olhar de David Foster Wallace busca a sombra, reconhecendo nela a angústia das lagostas que gostam de isolamento, tal como ele próprio. Seu olhar reconhece o limite: entre sombra e escuridão, na atitude mais afeita às contradições do contemporâneo<sup>22</sup>. A luz, aos seus olhos, não é o que permite a visão, mas sim aquela que, por ser tão forte, cega a vista, impedindo a abertura dos olhos. Aos consumidores, com os olhos atentos nos objetos de desejo, o texto pede que se detenham por minutos nas sombras, onde se amontoam lagostas amarradas. Aos leitores, pede que transpassem a aparente luz e transparência que há em uma revista, que mobilizem sua sensibilidade *gourmet* para a leitura, percorrendo as sombras do texto: as longas e reflexivas notas de rodapé, a construção literária na descrição de algumas cenas, a possibilidade de realizar uma reflexão mais ampla sobre o mundo a partir de algo aparentemente simples, iluminado.

A experiência histórica já revelou que as luzes trazem a escuridão como reverso. É nesse sentido que as sombras do texto são as mesmas que marcam nossa realidade com a moralidade da escolha. Questões complexas que se deixam revelar aos olhos semicerrados dos leitores das crônicas, acostumados que estão com a flexibilidade do gênero, com a crítica irônica e aparentemente leve.

#### LIMIT, LITERATURE, LOBSTER: THE "CHRONICLE" BY DAVID FOSTER WALLACE

**Abstract:** In this paper we aim at analyzing the text "Consider the lobster" (2004) by the American writer David Foster Wallace. Through a reading focused on the construction of the reader, we show how the chronicle can fit a writing marked by simplicity and complexity because of its hybrid and flexible character. With a keen eye for one precise aspect of reality, the author is able to reveal the shadows of contemporaneity, showing how readers engage in it through difficult moral choices of everyday life, like accepting that a living being can suffer just to satisfy a sophisticated palate.

**Keywords:** David Foster Wallace; chronicle; contemporaneity; reader.

#### REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

<sup>22</sup> Retomando Agamben, temos: "Pode se chamar de contemporâneo só aquele que não se deixa cegar pelas luzes do século e que é capaz de distinguir nelas a parte da sombra, sua íntima escuridão." (2009: 43)

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. O gênero crônica e a prática escolar. In: *Filologia e lingüística portuguesa*, no. 6, 2004, p. 267-279.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário: ensaio sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 51-66.

ATLAS, Amelia. *Grammar and authenticity in Postmodern America*. 2008. Disponível em:  
 <<http://www.hcs.harvard.edu/~hbr/issues/7.2winter06/articles/lobster.shtml>>, acesso em: 06 fev 2013.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, Ana Cecília. A toxidez da escrita como um destino da sublimação em David Foster Wallace. In: *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 3, Sept. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642010000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000300004&lng=en&nrm=iso)>, acesso em 05 fev 2013.

COELHO, Irene da Silva. *Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em produções do E.F.II*, 2009. 263f. Tese (doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: *A literatura no Brasil V.6*, São Paulo. Global, 2003, pp. 117-143.

FRANZEN, Jonathan. Twitter está sobrevalorado. 2012. Disponível em: <[http://cultura.elpais.com/cultura/2012/11/17/actualidad/1353181218\\_716026.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2012/11/17/actualidad/1353181218_716026.html)>, acesso em 06 fev 2013.

GALERA, Daniel. Prefácio: preste atenção. In: WALLACE, David Foster. *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

IBAÑEZ, Andres. *El temor a ser visto como una vaca*. 2001. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2001/09/29/babelia/1001720362\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2001/09/29/babelia/1001720362_850215.html)>, acesso em 07 fev 2013.

KOSKI, Lorna. The full Harold Bloom. 2011. Disponível em: <<http://www.wwd.com/eye/people/the-full-bloom-3592315?full=true>>, acesso em 06 fev 2013.

McCRUM, Robert. A Cult above the rest. 2005. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/theobserver/2005/dec/11/society>>, acesso em 06 fev 2013.

MISHRA, Pankaj. The postmodern moralist. 2006. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2006/03/12/books/review/12mishra.html?pagewanted=all&r=0>>, acesso em 06 fev 2013.

NAKAGOME, Patricia Trindade. O papel do gênero crônica na formação do leitor de ensino médio. In: MODESTO, Artaxerxes T.T.; MIRANDA, Daniela da Silveira; SILVA, Janaina Oliveira; SOUEID, Nanci de Oliveira, VELOSO, Simone Ribeiro de Ávila. *O gênero em diferentes abordagens discursivas*. São Paulo: Paulistana Editora, 2011.

WALLACE, David Foster. *Infinite jest*. New York: Back Bay Books, 1996.

\_\_\_\_\_. Consider the lobster. In: *Gourmet*. 2004. Disponível em: <[http://www.gourmet.com/magazine/2000s/2004/08/consider\\_the\\_lobster?currentPage=1](http://www.gourmet.com/magazine/2000s/2004/08/consider_the_lobster?currentPage=1)>, acesso em 14 jan 2013.

\_\_\_\_\_. *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 28/02/2013 E APROVADO EM 09/04/2013